

Cinema entre grades



BONASSI
prepara novo
roteiro para
a cineasta
paulista
Tata Amaral

Fernando Bonassi, roteirista de *Estação Carandiru*, novo filme de Hector Babenco, chega a Brasília para trocar experiências com detentos

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO
São Paulo

Fernando Bonassi, um dos mais inquietos criadores brasileiros - faz cinema, teatro, escreve romances, contos e roteiros - vai ministrar curso de dramaturgia cinematográfica no Presídio da Papuda, em Brasília. Ele está em Londres, trabalhando um de seus textos teatrais - *Entre Ferragens* - no Royal Court Theater. Da capital inglesa, parte para o Planalto Central. Dias 17 e 18 de agosto estará com os detentos trocando idéias sobre roteiros cinematográficos.

Com o novo curso, o roteirista - responsável pela adaptação do best-seller *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella - para Hector Babenco, e autor da peça *Apocalipse 1,11*, montada no Presídio do Hipódromo - vai repetir experiência realizada na maior penitenciária do país, o Carandiru paulistano.

De Londres, por telefone, Bonassi garante ser "fruto do acaso" as três coincidências, que neste momento, ligam seu nome à população carcerária (o roteiro do novo filme de Babenco terá o Carandiru como grande cenário; a peça *Apocalipse 1,11*, montada pelo Grupo da Vertigem, se passa num presídio desativado e os cursos de dramaturgia com detentos).

"Este será o último", avisa. "Fiz um primeiro curso, em São Paulo, no Presídio do Carandiru. Foi incrível. Começamos com uma turma que variava de sete a 20 detentos. Muitos se desinteressaram. Mas quatro foram até o fim e escreveram ótimos textos. Um deles, Luiz Mendes Júnior, revelou-se autor de texto incrível (*O Sobrevivente*), que encaminhei para a Companhia das Letras e será lançado em breve". Bonassi adianta que o livro traz "vigoroso testemunho de um presidiário que vivenciou a barra pesada das ruas brasileiras nos anos 60 e 70. Um documento de vida".

"Não vou dar mais cursos em presídio, porque não me interessa ficar repetindo experiências", pondera. "O André (Luiz Cunha, diretor e fotógrafo brasileiro) soube do meu trabalho no Carandiru e me convidou para fazer algo parecido na Papuda. Aceitei o convite e vou passar dois dias com os presos. Não sei quantos mostraram interesse. Se forem cinco, ótimo. Dez, quinze, vinte também".

Um pouco da conversa com Fernando Bonassi:

COMO será o curso com os detentos da Papuda? Vocês vão escrever, juntos um roteiro de cinema?

Não chegaremos a tanto. Vou dar, por dois dias, noções básicas sobre como se escreve um roteiro. São quatro ou cinco coisas importantes. São exercícios para que trabalhem histórias pessoais. Para que concretizem experiências que estão na cabeça deles. O trabalho em Brasília será diferente do que fizemos no Carandiru, em São Paulo. No Carandiru, minha aproximação com os presos se deu em função da peça *Apocalipse 1,11*, que preparei para o grupo Teatro da Ver-

tigem, do Antônio Araújo (o mesmo de *O Livro de Jó*). Como os detentos nada sabiam de teatro, a chegada do *Vertigem* foi uma novidade. Formou-se um grupo (de detentos) e começamos a trabalhar com ele. Como eu não tinha nada para ensinar, botei um questionário. Se ele fosse respondido, o detento estaria, de certa forma, escrevendo a página de um diário. Formulei perguntas do tipo: Que horas você acordou? O que comeu? Que gosto tinha? O que esta comida te lembrou? Ao responder a este tipo de pergunta, o cara fazia aflorar parte de sua subjetividade. No Carandiru vivem 7 mil presos. Na Papuda, o número é bem menor. Não sei quantos detentos o André (Luiz Cunha) vai mobilizar. O que sei é que ele já desenvolve trabalho de roteirização cinematográfica no presídio. Então, vou encontrar pessoas que já conhecem, em certa medida, o ofício.

EM que consistem estas quatro ou cinco noções de roteiro que você pretende passar aos detentos?

Coisa simples. São quatro ou cinco instrumentos para uma pessoa, que gosta de escrever, estruturar um roteiro cinematográfico. Vamos trocar idéias sobre o que é *linguagem de cinema*, o que é *continuidade*, o que é a *proporção do quadro*, os tipos de *montagem*, etc. O que, enfim, cria o específico filmico. Tenho para mim que é mais fácil um escritor virar roteirista, que um cineasta. Se um (ou uns) detento tiver gosto pela leitura, ele terá, no breve curso, noção de como trabalhar o material num roteiro cinematográfico.

É FÁCIL aproximar-se dos detentos? Eles são desconfiados?

Num primeiro momento, sim. Mas eu, no Carandiru, não tenho mais problema. Já conheço bem as regras deles. Perdi minha ingenuidade na convivência com a malandragem. Não invado o código que eles estabeleceram. Vi, na prisão, algo maravilhoso. Um reincidente, um senhor assaltante, voltou ao presídio. Foi recebido com palmas por uns 100 detentos, no corredor. A cena era linda. O presídio é a casa daqueles caras. Eles nunca tiveram casa. Acabam, por isso, encontrando a fraternidade de uma família no cárcere. Claro que é uma experiência

dura, estão privados da liberdade, mas ali é a casa deles. Um habitat que tem suas regras.

VOCÊ escreveu *Apocalipse 1,11*, peça que se passa num presídio; roteirizou *Estação Carandiru* com Babenco e vive esta experiência dos cursos com detentos. Por que este interesse pelo universo carcerário?

O primeiro convite veio do Teatro da Vertigem. Fui ao Carandiru e lá conheci o Dráuzio Varella, no cafezinho. Ele indicou meu nome ao Babenco. Mais os cursos. Nada foi premeditado. As coisas foram acontecendo. Mas não nego que prefiro escrever sobre esta gente que sobre a burguesia brasileira que sempre teve um prato de comida à sua frente, nunca precisou lutar por isso. Me interessa a luta dos detentos pela sobrevivência. As formas que encontram para viver na adversidade. Respeito pessoas que lutam para viver, mesmo que seja assaltando. A elite brasileira teve - e continua tendo - tudo por hereditariedade. Jamais escreverei uma linha que seja sobre ela, este lixo humano. Isto é, eu sei, um posicionamento político.

"Prefiro escrever sobre esta gente que sobre a burguesia brasileira que sempre teve um prato de comida à sua frente"

O QUE você está fazendo em Londres? É algo similar ao que você fez na Alemanha?

É parecido. Estou aqui, por 30 dias, conhecendo experiências teatrais do Royal Court Theater, um grupo importantíssimo, que nos anos 50 renovou o teatro londrino com a peça *Olha para Trás Com Raiva*, de Joe Orton. Pela primeira vez, um dramaturgo inglês escrevia para pessoas com menos de 20 anos. Depois o grupo montou Harold Pinter, Ionesco, entre outros autores contemporâneos. Ainda hoje eles seguem abertos para a literatura de caráter jovem e moderno. Anualmente, convocam 30 escritores, dos mais variados países, para conhecer o trabalho deles e, aqui, com eles, trabalhar textos. Eu trouxe *Entre Ferragens*. Continuo trabalhando este texto e discutindo o resultado com outros dramatur-

gos. Estamos organizando um Festival de Autores Brasileiros, que eles devem fazer aqui, e vivenciando experiências muito enriquecedoras. Harold Pinter, um grande dramaturgo, esteve conosco, batendo papo. Como ele está fazendo 70 anos, tudo foi registrado pela BBC. Fomos ao Globe Theater ver *Hamlet*. E vi, com eles, o *Romeu e Julieta*, do Grupo Galpão de MG. Foi incrível. O pessoal ficou surpreso com o Shakeaspeare dos mineiros. Daqui vou para Brasília, depois regresso a SP para escrever um novo roteiro para a Tata Amaral.

O DOS rappers, que ela vai filmar no ABC Paulista?

Não, outro. Trata-se de novo projeto do Canal Arte, franco-germânico, na mesma linha de *O Primeiro Dia*, do Walter Salles & Daniela Thomas (da série *Minuit/2000*). Ou seja, Tata foi convidada para dirigir filme para outra série temática do Arte, chamada *Masculino/Feminino*. O argumento é do Jean-Claude (Bernardet) e o roteiro será meu.

VOCÊ já dirigiu vários curtas e escreveu muitos roteiros para outros realizadores. E sua estréia no longa? Quando se dará?

Se depender de mim, o mais rápido possível. Inscrevi *Entre Ferragens* no Concurso MinC de Projetos de Baixo Custo e espero ser selecionado. Se for, filme logo. Com US\$ 350 mil coloco o filme na lata, pois tenho um protagonista e poucas locações. Minha prioridade absoluta é este filme. Há anos sonho fazê-lo. Trabalho este roteiro com tanto carinho, que o escolhi para trazer a Londres, pois queria ficar perto dele, mexendo com ele, retraindo detalhes.

QUE outros projetos, além de *Estação Carandiru* e o novíssimo da Tata Amaral o mobilizaram nos últimos tempos?

Felizmente, faço cinema e teatro, além de literatura. Trabalho muito. Toni Venturi filmou uma peça minha, *Latitude Zero*. Deve ficar pronto nos próximos meses. Para ele, escrevi o roteiro de *O Homem Fechado*, sobre um guerrilheiro fechado num apartamento. Será o terceiro longa dele. Para Eliana Bandeira, escrevi o primeiro tratamento de *A Mulher Que Devorou Roberto Carlos*, baseado em novela de Roberto Freire. Além de *Através da Janela*, que escrevi com Tata & Jean-Claude Bernardet, roteirizei *Sonhos Tropicais* (Moacyr Scliar), para André Sturm. E tive o enorme prazer de trabalhar com Babenco, no *Estação Carandiru*.

Quantas horas você trabalha por dia? Sim, porque você escreve também para jornais.

Muitas e muitas horas. Acordo cedo. Oito e meia, nove, estou no computador. Fico ali, até 10 da noite. Leio jornais, revistas, ouço música, tudo, de alguma forma, ligado ao trabalho, às idéias que me vão surgindo. Não acredito em inspiração. Agora, estou trabalhando um novo romance. Senti que era hora de voltar à literatura. Não vou falar nada sobre ele, porque dá azar.

Como você se sentiu ao ver seu conto *15 Cenas de descobrimento do Brasil* na antologia *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*?

Honrado. Não conheço o organizador (Ítalo Moriconi). Todo mundo sabe que tenho enorme desconfiança do mundo acadêmico. Não sou um escritor ligado a este universo. Vivo paralelo a este ambiente acadêmico. Por fazer cinema e teatro, tenho como me manter um pouco à parte da Literatura. Claro que ao ver meu conto no livro, fiquei honrado e felicíssimo. O Ítalo não me conhece pessoalmente. Nenhuma obrigação histórica impunha a minha inclusão. Então, se ele escolheu um conto meu, foi porque gostou. Adorei ter sido escolhido.